

EURICÃO: HERÓI CÔMICO-PATÉTICO

Júnia de Castro Magalhães Alves
Maria José Ferreira

Aparentemente menos profunda que a tragédia, a comédia, assim como as outras formas de teatro, encarrega-se de questionar e de perturbar a audiência — e essa função faz-se de maneira tão mais eficaz quanto menos perceptível.

A exaltação poética resultante da comédia tem raízes na realidade simples da vida quotidiana, enquanto que a tragédia enfatiza o heróico e o grandioso. O cômico funciona superficialmente como antídoto do trágico. Se o trágico produz tensão, o cômico responde a uma necessidade inversa de repouso e de descontração. O cômico é uma forma instintiva de defesa — uma busca de proteção contra as emoções. Não há, entretanto, entre tragédia e comédia, uma diferença radical. Os vícios, as paixões, os sentimentos — as necessidades do homem em geral — podem ser descritas ou interpretadas de forma cômica ou trágica, sendo tudo, quase que exclusivamente, uma questão de dosagem ou de ângulo de visão. A comédia pára onde a tragédia começa.

O personagem trágico é grande na virtude e grande no erro, ocasionando assim a sua própria destruição. O personagem cômico não tem características que se possam conscientemente exaltar. É um indivíduo «inferior», que nos prova, por contraste, o nosso mérito, proporcionando, dessa forma, a exaltação do nosso eu, a nossa autovalorização. Aceitamo-nos melhor ao passo que vemos, no personagem cômico, um ser curvado por mediocridade, dominado por deficiências.

Isso acontece com Euricão, personagem de Ariano Suassuna em **O Santo e a Porca**, comédia contemporânea brasileira, baseada em **Aululária**, de Plauto, e também relacionada com **O Avaro**, de Molière. A vida constrói uma armadilha para Euricão: ele se vê enjaulado e indefeso contra as diretrizes referenciais do momento humano — sobretudo a raça e o ambiente. E a peça salienta os três níveis através dos quais a personalidade humana se manifesta: id, ego e superego. Procuraremos analisar sucintamente Euricão realçando o aspecto determinista e psicológico da abordagem do autor.

Euricão Árabe é herói cômico de uma história sentida, que, segundo o próprio Suassuna, «apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós». Em Euricão tudo tende para o ridículo, para um certo grau do absurdo. Já a escolha de seu nome denota, além da associação com o herói de Plauto (nomes ambos compostos de três sílabas, o mesmo número de letras, e portadores de imagem sonora semelhante), o egocentrismo e o grau aumentativo de busca da riqueza, contido em seu caráter de avaro. Ainda outros nomes nessa mesma história estão ligados à idéia de dinheiro (Caroba, Eudoro, Benona), contribuindo para criar a atmosfera de supervalorização dos bens materiais.

Além do mais, Euricão é um «árabe», trazendo em seu histórico um ranço de raça que o diferencia do sertanejo da Paraíba e dos outros brasileiros em geral. Euricão é mais que um indivíduo — é toda uma espécie. Ele é, de certa forma, uma concretização de avareza, um retrato deformado do ideal humano. Sua deformação pode não ser tão significativa para a sociedade da qual descende, quanto para a nossa, já que os anseios de Euricão fogem aos padrões almejados pela idealidade de nossa gente. Euricão é avaro por «herança genética», por influência da raça que tem toda uma fama ligada não só à idéia de poupança exagerada, como a modos fáceis de conseguí-la. Partindo desse ponto «genético» básico, Suassuna desenvolve em Euricão hábitos e receios próprios de um indivíduo marcado pela influência ambiental — pela atmosfera de desconfiança que reina entre todos: pais e filhos, patrões e empregados. Dodó e Margarida ludibriam Eudoro e Euricão, Pinhão desconfia da sinceridade de Dodó, e Caroba, por sua vez, domina todos eles com sua perspicácia, perceptividade, capacidade inventiva e dissimulação. Os hábitos deformados de cada um contribuem para a deformação da família, e daí, por extensão, para a deformação da função social do indivíduo.

Mas na comédia nada disso é levado bem a sério. Tudo acontece em ritmo excepcional: ora muito rapidamente, ora muito devagar. Há toda uma atmosfera impregnada de espírito crítico. As situações são grotescas, e os indivíduos tornam-se ridículos e não propriamente desgraçados. Euricão é um contexto de comicidade: seus gestos e suas atitudes enfáticas, suas caretas e trejeitos, seu vocabulário agressivo e vulgar, e sobretudo seu caráter de avaro tornam-no vulnerável. Suas tensões diminuem-no perante os olhos analíticos do espectador gratificado. Outra causa geradora do cômico é o artifício da repetição. Euricão é um ser repetitivo: tem a idéia fixa de que vai ser roubado, de que é explorado, e isso aparece continuamente no desenrolar da ação. Seus anseios se repetem, seus temores se repetem, suas dúvidas se repetem, suas frases se repetem, e até mesmo suas palavras numa mesma frase se repetem: «Pega, pega o ladrão!», «Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!», «Mas perdi a porca! Ai, a porca! A, a Porca!» etc... Em resumo, tudo culmina com o excesso, que torna Euricão um ser ridículo perante a audiência.

A grandeza de Ariano Suassuna na criação de Euricão alcança um de seus pontos altos na antítese estabelecida pelo teatrólogo e marcada por dois extremos: Santo Antônio e a porca, que simbolizam, respectivamente, a busca do espiritual e a do terreno.

Santo Antônio é o transcendente e a proteção sobrenatural. Euricão recorre a ele como força superior representante de preceitos e conceitos éticos, morais e religiosos. Como santo casamenteiro que é, acha-se funcionalmente ligado ao desenrolar da ação e ao desfecho da peça. A porca, por sua vez, é animal próximo à terra e à lama. Faz parte da herança material e psicológica de Euricão; lembra-nos as necessidades mais baixas da espécie humana em geral, e, em particular, dele — «pobre diabo» influenciado pelo determinismo genético e ambiental. Santo Antônio, Euricão e a porca representam o superego, o ego e o id de um personagem eximido de opção. E Euricão, por sua vez, integra a personalidade do próprio Ariano Suassuna, que questiona no monólogo final da peça não só o sentido da vida, mas também a existência concreta de uma resposta para suas dúvidas, seus instintos, suas emoções e seus anseios.

O Santo e a Porca é uma comédia divertida mas ao mesmo tempo séria. Mostra-nos, como bem define o autor, que «A vida é traição, uma traição contínua. Traição nossa a Deus e aos seres que mais amamos. Traição dos acontecimentos a nós, dentro do absurdo de nossa condição,...». Acentua mais uma vez que o cômico é uma reação ao idealismo puro, um retorno à mediocridade humana, uma deformação do ideal tanto moral como físico. Sublinha os aspectos que o idealismo romântico gostaria de ignorar. Prova-nos que o riso pode originar-se de fenômenos diversos, como o imprevisto e a surpresa; mas muitas vezes significa mais — iguala-se ao ato de criticar, seja ele consciente ou inconsciente, voluntário ou não.

A abordagem cômica no teatro, e por extensão na vida, é um ato de defesa dentro dos limites da razão, e está magnificamente expressa pela filosofia contida neste velho ditado espanhol: «A vida é trágica para os que sentem (os que cedem a seus impulsos sentimentais), mas ela é cômica para os que pensam (os que mantêm firme o bom-senso e o espírito crítico).»

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Aída. *Influências Helênicas no Teatro de Plauto (A «Aulúria»)*, São Paulo, Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Limitada, 1954.

GERMAIN, François. *L'Art de Commenter Une Comédie*, Paris. Les Éditions Foucher. s.d.

MOLIÈRE, Jean Baptiste Poquelin. «O Avaro» in *Teatro Escolhido*. 1º volume, tradução de Otávio Mendes Cajado, prefácio e notas de Robert Jouanny, coleção dirigida por Vítor Ramos, São Paulo, Clássicos Garnier da Difusão Européia do Livro, 1965.

SUASSUNA, Ariano. «O Santo e a Porca» e «O Casamento Suspeitoso», 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1976.

VINCENT, M. l'Abbé Cl. Théorie des Genres Littéraires, capítulo IV, parte VIII, parágrafo 2º, livro 2º, 21ª edição, Paris, J. de Gigord, Editeur, 1951.